

Biografía de la enfermera brasileña Edith de Magalhães Fraenkel y su iconografía fotográfica (1942-1955)

Biography of the Brazilian nurse Edith de Magalhães Fraenkel and her photographic iconography (1942-1955)

Biografia da enfermeira brasileira Edith de Magalhães Fraenkel e sua iconografia fotográfica (1942-1955)

Anesilda Alves de Almeida Ribeiro^{1*}; Ariel Augusto da Silva²; Magali Hiromi Takashi³; Genival Fernandes de Freitas⁴

¹Mestre em Enfermagem. Doutoranda em Gerenciamento em Enfermagem. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3947-6001>; Correo electrónico: anesilda.almeida@gmail.com.

²Membro do Grupo de Pesquisa "História, Bioética e Legislação em Enfermagem". Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3677-0990>; Correo electrónico: ariel.augusto@usp.br.

³Doutora em Ciências. Membro do Grupo de Pesquisa "História, Bioética e Legislação em Enfermagem". Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7774-7178>; Correo electrónico: magalitik@gmail.com

⁴Doutor em Ciências. Professor Titular. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4922-7858>. Correo electrónico: genivalf@usp.br

Cómo citar este artículo: Ribeiro, A. A., Silva, A. A., Takashi, M. H., & Freitas, G. F. (2023). Biografía de la enfermera brasileña Edith de Magalhães Fraenkel y su iconografía fotográfica (1942-1955). *Cultura de los Cuidados* (Edición digital), 27(66). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2023.66.07>

Received: 08/01/2023

Accepted: 14/04/2023.



Copyright: © 2023. Remitido por los autores para publicación en acceso abierto bajo los términos y condiciones de Creative Commons Attribution (CC/BY) license.

***Correspondencia:** Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419. Bairro Cerqueira César. Departamento de Orientação Profissional. São Paulo. CEP: 05403-000 – São Paulo/SP. Brasil.

Abstract: Introduction: The article presents the professional biography of a great leader in Brazilian nursing, narrated from photographs and documents from the period. Objective: to describe the biography of nurse Edith de Magalhães Fraenkel and analyze the content of her photographic iconography, covering the period from 1942 to 1955. Methodology: This is a qualitative, historical-social and biographical research, guided by the methodology of analysis and interpretation of photographic sources, by Boris Kossoy. Results: Edith de Magalhães Fraenkel was a leading figure in Brazilian and São Paulo nursing. She had a notable performance in care, teaching and management of nursing schools and fought tirelessly to promote the development of the profession in Brazil and South America. The organization and curricular innovations implemented in the nursing course during her administration as the first director of the School of Nursing of the University of São Paulo are remarkable. She promoted the enrollment of men and women, white and black, from different social classes and of Brazilian and foreign nationality. Conclusion: Through Edith's direction, the School of Nursing of the University of São Paulo became a pioneer in promoting a culture of gender equality and valuing sociocultural diversity among students.

Keywords: History of Nursing; biography; photograph; schools, nursing; organization and administration.

Resumen: Introducción: El artículo presenta la biografía profesional de un gran líder de la enfermería brasileña, narrada a partir de fotografías y documentos de la época. Objetivo: describir la biografía de la enfermera Edith de Magalhães Fraenkel y analizar el contenido de su iconografía fotográfica, de 1942 a 1955. Metodología: Se trata de una investigación cualitativa, histórico-social y biográfica, guiada por la metodología de análisis e interpretación de fuentes fotográficas de Boris Kossoy. Resultados: Edith de Magalhães Fraenkel fue una figura destacada de la enfermería brasileña y paulista. Tuvo un desempeño notable en la atención, docencia y gestión de escuela de enfermería y luchó incansablemente por promover el desarrollo de la profesión en Sudamérica. Son notables las innovaciones curriculares implementadas en el curso de enfermería durante su mandato como primera directora de la Escuela de Enfermería de la Universidad de São Paulo. Ella promovió la matrícula de hombres y mujeres, blancos y negros, de diferentes clases sociales y de nacionalidad brasileña y extranjera. Conclusión: A través de la dirección de Edith, la Escuela de Enfermería de la Universidad de São Paulo se convirtió en pionera en promover una cultura de igualdad de género y valorar la diversidad sociocultural entre los estudiantes.

Palabras-clave: Historia de la Enfermería; biografía; fotografía; facultades de enfermería; organización y administración.

Resumo: Introdução: O artigo apresenta a biografia profissional de uma grande líder da enfermagem brasileira, narrada a partir de fotografias e documentos de época. Objetivo: descrever a biografia da enfermeira Edith de Magalhães Fraenkel e analisar o conteúdo de sua iconografia fotográfica, referente ao período de 1942 a 1955. Metodologia: Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, histórico-social e biográfica, guiada pela metodologia de análise e interpretação das fontes fotográficas, de Boris Kossoy. Resultados: Edith de Magalhães Fraenkel foi uma figura de revelado da enfermagem brasileira e paulista. Ela teve notória atuação na assistência, ensino e gestão de escola de enfermagem e lutou, incansavelmente, pela promoção do desenvolvimento da profissão, no Brasil e América do Sul. É notável a organização e as inovações curriculares implantadas no curso de Enfermagem, durante sua gestão como primeira diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Ela promoveu a matrícula de homens e mulheres, brancos e negros, de classes sociais diversas e de nacionalidade brasileira e estrangeira. Conclusão: Através da direção de Edith a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo se tornou pioneira na promoção da cultura da igualdade de gênero e de valorização da diversidade sociocultural entre o alunado.

Palavras-chave: História da Enfermagem; biografia; fotografia; escolas de enfermagem; organização e administração.

INTRODUÇÃO

Estudos biográficos em enfermagem têm por característica a descrição e análise da história de vida profissional, obras e legado de personalidades marcantes, construídas a partir de documentos, artigos, livros, diários, relatórios e atas de reuniões (Oguisso, Freitas, Takashi, 2013; Pereira, Dantas, Oliveira, Padilha, Teodósio, 2019). Uma fonte de dados muito valorizada é a entrevista, que podem ser realizadas com participantes, o que incluem os próprios biografados e pessoas que acompanharam de perto suas carreiras (Mancia, Padilha, 2006). A importância da biografia, individual e coletiva, é servir de inspiração na construção da identidade profissional da nova geração de enfermeiras e enfermeiros (Padilha, Nelson, Borenstein, 2011).

Estudo biográfico do coletivo de diretoras de uma escola de enfermagem revela a importância da formação profissional e qualificação adequada para a ocupação do cargo

de direção em instituição de ensino superior. Do mesmo modo que, aborda as particularidades inerentes ao cargo, como adoção de um modelo de gerenciamento eficiente e a influência do contexto histórico e social na atividade de liderança (Braga, Ribeiro, 2020).

Uma das pioneiras da enfermagem brasileira é a enfermeira Edith de Magalhães Fraenkel. Sua história de vida é inspiradora e seu nome é sempre citado em eventos e reuniões profissionais, devido a sua contribuição no âmbito da assistência, ensino, direção de escola de enfermagem e de entidade de classe. Pelo legado deixado à enfermagem, ela é considerada o maior vulto da história da enfermagem brasileira (Oguisso, Freitas, Takashi, 2013).

Edith de Magalhães Fraenkel nasceu no Rio de Janeiro, em 9 de maio de 1889, sendo a única mulher, dentre cinco filhos do casal Aldina de Magalhães e Karl Fraenkel. O pai foi diplomata e trabalhou no Consulado Brasileiro na Alemanha, Suécia e Uruguai. Edith teve uma educação esmerada e dominava os idiomas: Inglês, Português, Italiano, Francês, Alemão e Espanhol. As vivências e experiências fora do país e a formação como professora primária, ajudaram Edith na profissão escolhida – Enfermagem (Mancia, Padilha, 2006).

O envolvimento de Edith com a saúde pública iniciou no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Aos 25 anos, fez o curso de Enfermeiras de Guerra, da Cruz Vermelha Brasileira, filial Rio de Janeiro, onde aprendeu a cuidar de doentes e assistir famílias em vulnerabilidade social. Atuou como voluntária da Cruz Vermelha e trabalhou no combate à Gripe Espanhola em 1918. Após concluir os cursos de Primeiros Socorros e de Visitadoras do Serviço de Tuberculose, atuou como Chefe do Serviço de Visitadoras Sanitárias, do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) (Oguisso, Freitas, Takashi, 2013).

Em 1921, foi convidada pela enfermeira Ethel Parsons, Chefe do Serviço de Enfermagem do DNSP, para fazer o curso de Enfermagem nos Estados Unidos da América, mediante bolsa de estudos da Fundação Rockefeller (FR) e no ano de 1925, recebeu o diploma da Philadelphia General School of Nursing, escola destinada à formação de enfermeiras líderes. De volta ao país, ingressou no corpo de magistério da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), atuando como professora e orientadora de ensino. Em paralelo, ajudou a criar a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). Tais experiências lhe deram bagagem para que em 1927 assumisse a chefia da Divisão de Enfermagem do DNSP (Mancia, Padilha, 2006).

No ano de 1940, foi convidada pela FR para organizar e dirigir a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), que estava em fase de criação. Antes de assumir o cargo, a fundação concedeu-lhe outra bolsa de estudo para os Estados Unidos e Canadá, onde fez visitas técnicas e estudou o processo de organização e o conteúdo curricular de escolas de enfermagem norte-americanas. Ao retornar em julho de 1941, aos 52 anos, integrou a comissão de planejamento da sede, base administrativa e internato da EEUSP e simultaneamente, organizou o serviço de enfermagem do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP). Edith atuou como diretora da escola de 1942 a 1955, tendo implantado grandes inovações na grade curricular do curso de Enfermagem e acompanhado a matrícula e formatura das

primeiras turmas, constituídas por estudantes diferenciados e com características diversificadas (Oguisso, Freitas, Takashi, 2013).

Vários pesquisadores já escreveram a sùmula biogràfica de Edith de Magalhães Fraenkel, destacando aspectos relevantes de sua atividade profissional (Rodrigues, 1986; Mancia, Padilha, 2006; Secaf, Costa, 2010; Oguisso, Freitas, Takashi, 2013). Entretanto, poucos apresentaram uma iconografia fotogràfica como evidência do trabalho dessa personalidade històrica e primeira diretora da EEUSP.

Considerando a importància dessa ilustre figura na construçaõ da història da EEUSP e o papel da fotografia como testemunha dos fatos, desenvolveu-se um estudo tendo por objetivo: descrever a biografia da enfermeira Edith de Magalhães Fraenkel e analisar o conteúdo de sua iconografia fotogràfica, referente ao período de 1942 a 1955.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, històrico-social e biogràfica. Os dados foram coletados de cinco fotografias do acervo iconogràfico do Centro Històrico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana (CHCEIA), da EEUSP, referentes ao período històrico em que Edith de Magalhães Fraenkel foi diretora da escola, correspondente ao recorte temporal de 1942 a 1955. Neste espaço de tempo ocorreram à implantaçaõ do curso de Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem, construçaõ da sede pròpria e do internato da EEUSP além das cerimônias de formatura das primeiras turmas.

A leitura das imagens foi guiada pela metodologia de análise e interpretaçaõ das fontes fotogràficas, proposta pelo teòrico e historiador de fotografia Boris Kossoy. A metodologia é composta por duas fases: análise iconogràfica e interpretaçaõ iconològica (Kossoy, 2004).

A análise iconogràfica partiu da observaçaõ livre de cada fotografia, identificaçaõ do conteúdo da imagem e extraçaõ das informaçaões contidas na fotografia. Esta fase contemplou a descriçaõ detalhada e a análise dos elementos constitutivos formais da imagem, destacando a forma como a personalidade biografada foi retratada; cenàrio da fotografia; motivo do registro fotogràfico; postura, vestimentas e acessòrios usados pelos personagens fotografados; objetos no entorno deles; data e local do evento registrado pelo fotògrafo.

A interpretaçaõ iconològica demandou um mergulho na cena registrada na fotografia e consulta a fontes literàrias e documentais da història da enfermagem brasileira. A estratègia de comparaçaõ do momento històrico da imagem com o contexto cultural e social no seu entorno ajudou na interpretaçaõ da imagem fotogràfica, conferindo validade e autenticidade ao estudo. O produto final foi materializado num texto sùntese, contendo a història de vida profissional de Edith e informaçaões sobre o momento congelado no plano das fotografias.

A pesquisa seguiu os princípios éticos da Resolução 510/2016, do Ministério da Saúde, que versa sobre uso de fontes de pesquisa de acesso público, dispensa apreciação do projeto a Comitê de Ética em Pesquisa e prevê o respeito à honra e a imagem da pessoa pesquisada (BRASIL, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo apresenta como resultado a descrição dos elementos das imagens fotográficas, identificação e caracterização dos personagens retratados e a discussão do contexto social e histórico das cenas registradas nas fotografias de Edith de Magalhães Fraenkel, durante o período de exercício do cargo de diretora da EEUSP. A primeira fotografia analisada faz referência à ligação da Fundação Rockefeller com a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Edith de Magalhães Fraenkel.

Ao observar a fotografia (Figura 1), nota-se que os alvos do fotógrafo foram Edith e Nelson Rockefeller. O ato registra o momento do encontro dos personagens, onde eles trocam um firme aperto de mão. O cenário mostra materiais de construção, parede sem reboco e dois homens não identificados.

Figura 1. Edith com Nelson Rockefeller no canteiro de obras da EEUSP. São Paulo, setembro de 1942.



Fonte: Acervo do CHCEIA

À época, Nelson Rockefeller era o representante da FR, instituição que financiou a construção da EEUSP, e Edith a diretora convidada para administrar essa instituição de ensino da enfermagem. A visita deles ao canteiro de obras era um ato natural de vigilância e acompanhamento das obras da sede da escola. A fotografia (Figura 1) registrou um momento histórico simbólico, de reafirmação do acordo firmado entre esses dois personagens, em prol da garantia do funcionamento da EEUSP.

A análise da fotografia mostra que Edith e Nelson Rockefeller estão em postura de respeito mútuo, cortesia, olhando nos olhos e se cumprimentando de forma digna. O fato de ambos estarem alinhados um de frente para o outro chama a atenção, tendo em vista o contexto da época, década de 1940, um período em que era incomum a mulher ser tratada de forma igualitária pelos homens, principalmente em uma relação de negócio, levando em consideração, que Nelson Rockefeller era cidadão americano, empresá-

rio de sucesso, originado de uma familiar milionária dona de império no ramo de petróleo, enfim, um homem muito importante no cenário empresarial internacional, fato este que demonstra a influência, poder e respeito que a enfermeira Edith possuía.

A formação profissional em solo americano; a experiência junto a EEAN; o trabalho desenvolvido no DNSP; o fato de ser uma mulher determinada, responsável e comprometida com a saúde da população; o desempenho na ABEn e na Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), fizeram com que ela fosse notada pelas enfermeiras da Missão Americana e pela Fundação Rockefeller. Eles a convidaram para assumir o cargo de primeira diretora da EEUSP, tendo por missão construir uma instituição de ensino de referência para o Brasil e América Latina, de formação profissional, produção e difusão de conhecimento científico de enfermagem (Mancia, Padilha, 2006; Oguisso, Freitas, Takashi, 2013).

A imagem icônica de Edith perante esse empresário importante no mercado financeiro mundial destaca e evidencia a importância da luta da mulher brasileira pelo reconhecimento do seu valor e pelo direito de ocupar um espaço no mundo do trabalho. Edith conquistou isso por meio de uma educação emancipatória e das batalhas que já travava pela garantia de respeito às mulheres, junto aos movimentos feministas daquela época (Secaf, Costa, 2010). O momento inicial de valorização da mulher, vivido nas primeiras décadas do século XX, foi eternizado pela fotografia (Figura 1) de Edith no canteiro de obras da EEUSP.

A segunda fotografia analisada faz referência à formatura da primeira turma de enfermeiras diplomadas pela EEUSP. A fotografia (figura 2) tem como cenário um ambiente organizado e bem decorado. Os personagens são as formandas da Turma de 1946, a diretora da EEUSP Edith de Magalhães Fraenkel, a professora Maria Rosa Sousa Pinheiro e o médico Benedicto Montenegro, diretor da FMUSP, da qual a escola de enfermagem era anexa. Os personagens usam traje especial, de uso exclusivo em cerimônia de colação de grau, a Beca. As formandas trazem nas mãos um papel branco enrolado, representando simbolicamente o diploma de enfermeira, recém-conquistado. O traje da diretora, do diretor e da professora de enfermagem possui um adorno na parte superior. A vestimenta de Benedicto Montenegro tem um tecido envolvendo toda a parte da frente do seu tronco.

Figura 2. Edith de Magalhães Fraenkel com Benedicto Montenegro, na Colação de Grau da Turma de 1946, da EEUSP. São Paulo, 25 de janeiro de 1947.



Fonte: Acervo do CHCEIA

Na fotografia (Figura 2), podemos notar a ausência de uma das formandas. A Turma de 1946 da EEUSP foi composta por 16 formandas, de um total de 38 alunas matriculadas. Logo no primeiro ano do curso ocorreram 16 desistências. A evasão decorreu do ritmo de trabalho imposto às estudantes. O curso exigia 34 meses de ensino efetivo, 44 horas semanais de atividades e dois meses de férias. A rotina das alunas era muito pesada e diferente da que estavam acostumadas anteriormente, visto que a maioria exercia o magistério primário, sendo professoras da rede estadual de ensino de São Paulo (Carvalho, 1980).

A condição de ingresso das primeiras alunas da EEUSP era ser professora normalista, essa exigência deveu-se ao interesse da escola de admitir alunas com grau de escolaridade diferenciado e já contar com experiência em magistério. Além disso, o Governo do Estado de São Paulo facilitou o comissionamento das professoras primárias lotadas no serviço público para que realizassem o curso de Enfermagem. Ambas as instituições visavam iniciar e manter um curso de Enfermagem de padrão elevado, compatível com os demais cursos da Universidade de São Paulo (Oguisso, Freitas, Takashi, 2013).

As pioneiras sofreram algumas consequências na fase inicial da EEUSP, como estágios penosos no Hospital das Clínicas e o fato de não estudarem na sede oficial da escola, pois a inauguração da obra ocorreu no dia 31 de outubro de 1947, como não dispunha de sede, as atividades da escola e de formação das alunas ocorreram em laboratórios da Faculdade de Medicina e em salas de aula improvisadas dentro do Hospital das Clínicas, local que servia também de residência das alunas, diretora e professoras (Carvalho, 1980). A presença do professor Benedicto Montenegro é de fundamental importância na fotografia analisada (Figura 2), pois ocupava o cargo de diretor da Faculdade de

Medicina (1941-1947), além de ter sido Vice Reitor da USP (1941-1946), fazendo-se presente nos eventos da escola desde a aula inaugural do curso, em 1943, até a formatura da Turma das Pioneiras, em 1947.

A terceira fotografia analisada traz a composição completa das dezesseis formandas da Turma de 1946, dispostas ao redor da diretora Edith.

Figura 3. Edith de Magalhães Fraenkel com as 16 formandas da Turma de 1946.



Fonte: Acervo do CHCEIA

A fotografia (Figura 3) é constituída pela imagem de rosto e da parte superior do tronco de 17 mulheres, identificadas nominalmente, onde se vê ao centro a diretora Edith ladeada pelas diplomadas da Turma de 1946, da EEUSP, todas estão vestidas com uniforme branco, cabelos presos, maquiagem e a touca de enfermeira – símbolo da profissão.

É possível observar também a diferença entre o modelo de touca das diplomadas, sendo mais larga e com aba, em contraponto temos a touca da diretora Edith que é menor, mais alta e formada por tecido em pregas, pois esta segue o modelo da escola americana onde ela realizou o curso de Enfermagem. O uso da touca de enfermeira, assim como o uniforme branco tinha como significado para as formandas o compromisso e a responsabilidade assumidos na cerimônia de colação de grau (Peres, Padilha, 2014).

Para a diretora Edith, o significado do uniforme era o mesmo, a responsabilidade pela gestão da escola e transmissão de conteúdo científico de enfermagem. A postura, o olhar centrado, semblante sereno, demonstra a firmeza de caráter, determinação e

capacidade de trabalho dela, as características de sua personalidade chamaram à atenção das enfermeiras da época e foi motivo de registrado em livro e artigo científico, escrito e publicado por uma formanda da primeira turma da EEUSP (Carvalho, 2012; Carvalho, 1980).

Outro detalhe que prende o olhar do observador na fotografia (Figura 3) é a presença exclusiva de mulheres, condição específica da enfermagem, no Brasil, até meados do século XX, pois o curso de Enfermagem da EEUSP, iniciado em 1943, recebeu a matrícula do primeiro aluno do gênero masculino em 1950. Este fato se justifica porque a profissão de enfermagem, criada pela inglesa Florence Nightingale, tinha por característica ser exclusiva para mulheres e este modelo foi introduzido nas escolas de enfermagem da América do Norte e do Brasil. Posteriormente, sofreu modificações e adaptações, passando a acolher alunos homens.

Para as formandas da Turma de 1946, fazer um curso de Enfermagem era simbólico e representava a contestação ao sistema patriarcal e à sociedade machista da época, essas pioneiras fizeram valer os direitos feministas até então conquistados pelas brasileiras, a enfermagem acompanhou de perto e evoluiu junto com essas mulheres corajosas e independentes. Ao se qualificarem para o mercado de trabalho, as pioneiras da EEUSP foram conquistando espaços, usufruindo de direitos e melhorando a saúde da população e a formação para o cuidado de si e do outro. Além disso, abriram caminhos para o ingresso de mais mulheres nas profissões ligadas a ciências da saúde (Freitas, Bonini, Silva, Silva, Mattozinho, 2016).

A quarta fotografia analisada constituiu no registro da presença da mulher negra no grupo de formandas da EEUSP.

Figura 4. Edith de Magalhães Fraenkel com as formandas da Turma de 1951



Fonte: Acervo do CHCEIA

A imagem (Figura 4) retrata a tradicional fotografia de formatura. Desde os princípios da EEUSP, é registrada uma imagem com todas as formandas, vestidas de Beca, junto com a diretora. Essa fotografia traz o registro oficial da formatura da Turma de 1951. O cenário é o auditório da EEUSP, atualmente denominado Auditório Maria Rosa Sousa Pinheiro, nome dado em homenagem à segunda diretora da escola, gestão 1955-1978. O ambiente foi decorado com flores e traz as bandeiras do Estado de São Paulo e do Brasil.

Nesse recinto encontram-se 26 mulheres, dispostas em duas filas, onde se vê sentada ao centro a diretora Edith e, ao redor dela, as 25 formandas, todas as personagens estão elegantemente arrumadas e com penteados em modelos variados. Na fileira do fundo, encontram-se 16 formandas, em pé, alinhadas lado-a-lado. Na primeira fila posicionam-se 10 mulheres, sentadas, com as mãos sobre o colo.

A importância dessa fotografia está no registro da presença de uma formanda do Uruguai, Evangelista Suna, não identificada sua localização na fotografia e a presença de uma negra, que se encontra na segunda fila, em pé, no canto direito da imagem, infelizmente, não foi possível identificar nominalmente essa formanda. Contudo, sabe-se que ela não foi a primeira estudante negra da EEUSP. Nos documentos históricos da escola consta o registro de alunas da Turma de 1947 que se autodeclararam não brancas, dentre as quais Josephina de Mello, da Amazônia, e Lúcia de Conceição da Costa, do Pará, sendo essas bolsistas do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), recebendo ajuda financeira para manter as despesas em São Paulo (Carvalho, 1980).

Apesar da formanda da Turma de 1951 não ser a primeira negra da EEUSP, o registro fotográfico é significativo e de grande valor histórico, pois revela a dificuldade de acesso ao curso de Enfermagem pelos negros e indígenas, dois dos três povos que deram origem ao povo brasileiro. Numa imagem com 26 mulheres, nota-se apenas uma negra e nenhuma indígena, isso chama a atenção, pois se trata de um ambiente de formação profissional de uma universidade pública e que deveria contar com a presença de representantes das múltiplas culturas habitantes em nosso país. Embora Edith tenha promovido ações para facilitar a igualdade de acesso no ambiente da escola, foram poucos os negros e indígenas que conseguiram ingressar na instituição. É notório que os institutos e escolas da USP, dentre os quais a EEUSP, diplomam majoritariamente profissionais de cor branca, de origem europeia.

O esforço de Edith na promoção de acesso ao curso de Enfermagem foi reconhecido no âmbito acadêmico. Estudo mostra que a EEUSP, desde 1943, redimensionou a enfermagem brasileira ao reintegrar mulheres negras na formação profissional no Brasil, as mulheres não brancas formadas pela EEUSP, além de vencerem preconceitos, revogavam representações atribuídas à enfermagem brasileira (Campos, Oguisso, 2008).

A quinta fotografia analisada traz o registro da presença masculina na EEUSP.

Figura 5. Edith de Magalhães Fraenkel com os auxiliares de enfermagem, 1955.



Fonte: Acervo CHCEIA

Na fotografia (Figura 5) observa-se a diretora Edith e a professora Anayde Corrêa de Carvalho, rodeadas pelos formandos da primeira turma do curso de Auxiliar de Enfermagem, formados em 1955, a EEUSP manteve a formação de auxiliares até 1963 (Carvalho, 1980). No cenário veem-se dezenove personagens, sendo o grupo constituído pelas personagens já mencionadas, quinze formandas do gênero feminino e dois formandos do gênero masculino. Todos devidamente posicionados em pé e distribuídos em duas fileiras: na fileira da frente, encontram-se nove formandas, ao fundo, estão à diretora Edith e a professora Anayde Correia, no centro da imagem; no entorno delas estão distribuídas seis formandas do gênero feminino e, nas extremidades da fileira, os dois formandos do gênero masculino.

Nota-se na imagem (Figura 5), a diferença de vestimentas entre as formandas e as figuras que representam a escola, além de ressaltar a tradição do uniforme branco da enfermagem, em contraposição a diretora Edith e a professora Anayde que estão com traje social, em tom escuro. O modelo feminino é composto por vestido de botão, solto, de manga curta e com comprimento abaixo do joelho, sapato, meia cor da pele e touca, já o traje masculino é composto por camisa de botão, sem gola e calça comprida, um fato chama a atenção, os homens não usam acessório de cabeça.

O vestuário branco, utilizado na prática assistencial, em ambiente hospitalar ou de saúde pública, marca dos profissionais da saúde, foi eternizado na iconografia mundial sobre a enfermagem, identificado pela utilização de alguns acessórios, principalmente pela touca da enfermeira. Estudos mostram que os uniformes fornecem elementos de construção da identidade profissional, por meio do desenvolvimento do sentimento de pertencimento a instituição de ensino e ao grupo profissional (Salgueiro, 2000).

Além das duas figuras masculinas, a fotografia (Figura 5) releva a presença de uma aluna negra, reforçando a representatividade racial e de gênero na escola, essa particularidade coloca em destaque duas condições pouco visíveis nas turmas de formandos da EEUSP: que atualmente, ainda é pouco presente o gênero masculino e alunos de cor negra na instituição.

Estudos realizados pela Fundação Oswaldo Cruz, por iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem, mostram que até hoje no Brasil, nas três categorias de profissionais de enfermagem, ocorre à predominância do gênero feminino. Em 2015, 85% da força de trabalho da Enfermagem brasileira era composto por mulheres, o aumento de homens na enfermagem é recente, mas essa condição só vem sendo notada desde a década de 1990 (COFEN, 2015).

A EEUSP teve importante papel na diplomação de homens na enfermagem brasileira, iniciado em 1950. O primeiro enfermeiro formando na escola foi Benone de Souza Lima, único homem em uma turma com 13 mulheres. Na Turma de 1955, composta por vinte e sete alunos, dois eram homens, são eles os enfermeiros Edvaldo Dias Lima, da Bahia, e Nestor Constantino, de São Paulo (Carvalho, 1980).

A fotografia (Figura 5) traz como marca o pioneirismo da EEUSP em relação à presença de homens e de mulheres negras nos cursos de Enfermagem. Essa condição é notável, pois a instituição está ligada a uma universidade elitista, formada majoritariamente de profissionais, servidores e alunos brancos. Assim, observa-se a magnífica importância da diretora Edith, já que essa mudança de perfil ocorreu sob sua direção, nos primórdios do funcionamento da escola (Freitas, Bonini, Silva, Silva, Mattozinho, 2016).

Além das observações e reflexões citadas, a importância da Figura 5 está ligada a outro aspecto: foi o último ano da atuação de Edith de Magalhães Fraenkel como diretora e professora da EEUSP, a imagem capta o semblante triste dela, que contrasta com a alegria dos formandos, condição ligada a um fato emblemático de sua vida profissional.

O ano de 1955 foi terrível para a diretora Edith, esse foi o último ano em que ela participou da cerimônia de formatura na EEUSP, tanto no curso de Enfermagem quanto no curso de Auxiliar de Enfermagem. Ocorreu que o então governador do Estado de São Paulo, Jânio da Silva Quadros, resolveu acatar uma denúncia de uma funcionária da escola, contra a diretora, ele demitiu Edith do cargo de diretora da EEUSP sem lhe dar direito de defesa, sob a alegação de que seu ato era “A bem do serviço público” - termo jurídico usado em penalidade disciplinar aplicada em caso de falta gravíssima, o que não era o caso dela. O processo de desligamento da instituição foi doloroso. Ela foi comunicada para, em 24 horas, deixar o cargo e o estabelecimento, local onde trabalhava e residia (Oguisso, Freitas, Takashi, 2013).



Em consulta ao processo administrativo sobre a demissão de Edith de Magalhães Fraenkel e a saída traumática da EEUSP, não foram encontradas informações relevantes sobre os reais motivos da demissão, o ato administrativo do governador cerceou a defesa da então diretora, que foi literalmente expulsa da escola a qual fundou e ajudou a alicerçar. A denúncia envolvia o fato de a referida ter utilizado produtos de higiene e a lavanderia da escola para lavar suas roupas. Em virtude de ser obrigatório o internato, a diretora, professoras e alunas moravam no prédio da escola, em alojamentos especialmente construídos para esse objetivo, logo, todo o enxoval dos residentes era lavado na lavanderia da escola, inclusive da diretora. É lamentável e absurdo o ocorrido, como mulher honesta e profissional disciplinada e dedicada, Edith não merecia ter passado por esse constrangimento.

De volta ao Rio de Janeiro, Edith trabalhou na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, presidiu a Comissão Especial do Histórico da ABEn, fundou o Serviço Técnico de Enfermagem e criou a Casa de Saúde e Maternidade Santa Maria. Em 1968, afastou da enfermagem para tratamento de câncer, vindo a falecer aos 79 anos, no dia 5 de Abril de 1969. Seu corpo foi sepultado no Cemitério São João Batista.

O estudo da história de vida de Edith de Magalhães Fraenkel fez emergir algumas reflexões. É impressionante e inspirador constatar que na primeira metade do século XX, uma mulher solteira, aproveitando as oportunidades que teve, conseguiu estudar no exterior, diplomar-se em enfermagem e construir uma brilhante carreira, desenvolveu um trabalho fantástico e significativo na enfermagem, e empenhou para que o curso de Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem da EEUSP fizessem jus ao contexto universitário no qual estavam inseridos. Entre os principais trabalhos, destacam-se a implantação de um modelo de ensino de qualidade, com conhecimentos inovadores, e de gestão administrativa de excelência, construídos nos moldes das escolas norte-americanas e a introdução de conhecimento teórico-prático em psiquiatria, doenças transmissíveis e enfermagem rural.

Enquanto cidadã brasileira, Edith contribuiu na luta pela igualdade e por respeito para as mulheres que almejam uma carreira profissional. É notável a tentativa dela de democratizar o acesso ao ensino para todos os estudantes, brasileiros e estrangeiros, pois ao final de sua gestão, o curso de Enfermagem da EEUSP tinha estabelecido como característica formar mulheres e homens, brancos e negros, de classes sociais e nacionalidades diversas.

Outro ponto significativo de sua atuação como diretora foi à relação de amizade que manteve com as alunas pioneiras, criando diversas discípulas. Depois de formadas, várias foram contratadas como professoras, sendo responsáveis pela formação das novas gerações de enfermeiras, por isso sua forma de gerenciar garantiu a continuidade do modelo de ensino da escola de forma segura, pois a cada ano era entregue nas mãos

de profissionais que havia incorporado à identidade da escola. Isso favoreceu a perpetuação da difusão do conhecimento de qualidade e a incorporação da identidade EEUSP, pelas novas turmas de estudantes.

CONCLUSÃO

Nessa pesquisa focalizamos o trabalho desenvolvido por Edith de Magalhães Fraenkel, primeira diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, gestão 1942 a 1955. Ao revisitarmos sua história de vida profissional e a trajetória na administração da EEUSP, tomamos consciência do grandioso trabalho por ela realizado em solo paulista.

Ao analisar as imagens fotográficas foi possível constatar que Edith de Magalhães Fraenkel dificilmente sorria durante a realização das fotografias. Sua expressão de rosto era sempre de seriedade. Sua postura era discreta e profissional, em conformidade ao cargo que exercia. Essa característica talvez ela tenha adquirido na infância, nos consulados onde o pai trabalhou, e possivelmente foi reforçada na escola americana onde se diplomou enfermeira. Apesar de contida e reservada, características principais de sua personalidade, Edith era querida e admirada pelas alunas e professoras da EEUSP.

As fotografias analisadas favoreceram, enquanto evidências históricas, a ampliação do conhecimento sobre a biografia da diretora Edith. A pesquisa revelou fatos de grande valor para a história da enfermagem brasileira, possibilitou o conhecimento da trajetória profissional de uma enfermeira de personalidade forte e gestora por excelência, promoveu a sensação de pertencimento à EEUSP e a identificação com as lutas das enfermeiras pioneiras, por melhores condições de ensino, teórico e prático.

A leitura das imagens apresentadas nesse estudo é uma das muitas possíveis sobre a biografia de Edith de Magalhães Fraenkel. Ela foi conduzida pela metodologia de análise e interpretação das fontes fotográficas, de Boris Kossoy, favorecendo a aquisição de outro olhar sobre o mundo das imagens e o domínio de extração de dados relevantes de fotografias. O resultado apresentado mostra o potencial do método e a possibilidade de uso em outras pesquisas envolvendo imagens e temas ligados à enfermagem. Lamentamos a impossibilidade de identificação de alguns personagens e dos fotógrafos, autores das fotografias.

O estudo traz duas contribuições significativas, o aprofundamento do conhecimento sobre a contribuição da enfermeira Edith de Magalhães Fraenkel para o desenvolvimento da enfermagem brasileira e a divulgação de uma metodologia de análise de fotografias com potencial para uso na pesquisa em história da enfermagem.



BIBLIOGRAFÍA

- Braga, C. G., & Ribeiro, A. A. A. (2020). As diretoras religiosas da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz (1955-2016). *Revista Mineira de Enfermagem*, (24), e-1276. Recuperado de <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20200005>
- BRASIL. (2016). Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510/2016: *ética em pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Campos, P. F. S., & Oguisso, T. (2008). A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61 (6), 892-898. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000600017>
- Carvalho, A. C. (1980). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: Resumo Histórico - 1942 - 1980. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 14, (suplemento), 1-271. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/zddDcgDSdHLKkNc5bJTzJGM/?format=pdf&lang=pt>
- Carvalho, A. C. (2012). *Edith de Magalhães Fraenkel*. São Paulo: EEUSP.
- COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. (2015). *Pesquisa inédita traça o perfil da enfermagem*. Recuperado de http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html
- Freitas, G.F., Bonini, B.B., Silva, E.C., Araújo, T.A., & Mattozinho, F.C.B. (2016). Escuela de Enfermería de la Universidad de São Paulo: rastros de la historia de la profesionalización de la Enfermería en Brasil. *Cultura de los Cuidados* (Edición digital), 20(46),74-85. Recuperado de https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/61753/1/CultCuid_46_07.pdf
- Kossoy, B. (2004) Construção e desmontagem da informação fotográfica: teoria e prática. *Revista da USP*, 62, 224-232. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13356/15174>
- Mancia, J. R. & Padilha, M. I. C. S. (2006). Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 59, especial, 432-437. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/reben/a/NdLkLPGp97jQWbPNQXYHGqg/?lang=pt>
- Oguisso, T., Freitas, G. F., & Takashi, M. H. (2013). Edith de Magalhaes Fraenkel: o maior vulto da Enfermagem brasileira. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 47, (5), 1227-1234. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/fcmL-GcD35gx6XYKQPYQ33fb/?lang=pt&format=pdf>



- Padilha, M. I., Nelson S. & Borenstein M. S. (2011). As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, 18, (suppl 1). Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000500013>
- Pereira, F. D. O., Dantas, R. B., Oliveira, D. R. C., Padilha, M. I. & Teodósio, S. S. S. (2019). Biografias de enfermeiras brasileiras: constructos da identidade da profissão. *Hist enferm Rev eletrônica*. 10, (2), 23-34. Recuperado de <http://here.abennacional.org.br/here/v10/n2/a2.pdf>
- Peres, M. A. A., & Padilha, M. I. C. S. (2014). Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil (1923-1931). *Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem*, 18, (1), 112-121. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ean/a/jy8hxjWhPY77DDgLkHFyLCP/?lang=pt&format=pdf>
- Rodrigues, A. P. S. (1986). Prêmio “Edith de Magalhães Fraenkel” retrospectiva histórica. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 7, (1), 93-112. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/rgenf/article/view/3666>
- Secaf, V., & Costa, H. C. B. A. (2010). *Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras*. São Paulo: Seven System International.
- Salgueiro, N. (2000). O vestuário do pessoal de enfermagem (I): do negro ao branco imaculado. *Revista de Enfermagem Referência*, 1, (4), 79-87.